



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

GERAÇÃO RESSET

Marcos Roberto Inhauser

Há muita celeuma levantada sobre a pertinência ou não de se permitir que os filhos joguem videogames. Há quem alegue aspectos negativos na formação das crianças, levando-as a uma vida solitária, sem relacionamentos e habilidades sociais. Há os que afirmam serem os games violentos instigando e incutindo nas crianças e jovens atos de violência.

Há, por outro lado, os que veem coisas positivas, como o manejo estratégico, a interação com outros jogadores e o estímulo à criatividade. Há ainda os que afirmam ser inevitável a entrada no mundo da internet e virtual, uma vez que este é o futuro. Quem não se preparar e se treinar para ele estará fora do mercado de trabalho.

Todos têm sua parcela de verdade e parcela de erro. Os videogames não são tão ruins que não haja algo de bom e nem tão bons que não haja algo de ruim neles. Eles são como qualquer outra brincadeira ou atividade: oportunidade e riscos.

Há, no entanto, nesta nova cultura educacional dos videogames algo que me preocupa mais que tudo: é a presença do *reset*, aquele botão que reinicializa os jogos. Este botão é acionado todas as vezes que o jogo não desenrola bem, que há alguma dificuldade, quando se está perdendo. É o botão que traz a oportunidade de recomeçar do zero o que não ia bem.

Ao utilizar esta tecla à exaustão e como forma de evitar o enfrentamento de situações mais difíceis, há o ensino implícito da insistência, da perseverança em recomeçar. Mas também cria a ideia de que na vida, diante de problemas e dificuldades, basta apertar um botão e recomeçar do zero.

Isto começa a repercutir em certos comportamentos sociais. Um estudo mais aprofundado, provavelmente poderá mostrar uma certa relação estatística entre o início da febre dos games e o índice de divórcios quando estes jogadores chegaram à idade do casamento. Digo isto porque, nas argumentações dadas para justificar o divórcio há muito de recomeçar do zero, de iniciar uma nova partida, de ter uma nova chance. A disposição de trabalhar, consertar, vencer obstáculos, barreiras foi cedendo espaço ao *reset*.

O mesmo se dá com a alta rotatividade de mão de obra que se percebe entre as pessoas mais jovens, que deixam o trabalho por razões mínimas, por pequenas dificuldades de relacionamento com a chefia, porque o horário não é cômodo, porque tem que pegar dois ônibus, porque o salário é baixo. Não há a disposição em aprender, ganhar experiência, em lutar para vencer. Mudar, *resetar*, reiniciar é a única opção que conhecem.

Com uma cultura destas, será que poderemos esperar por excelências em comportamento?